



Preços das casas na UE registam primeira queda anual em mais de nove anos



Economistas do BCE sugerem novo indicador para medir inflação crítica



Ativistas climáticos cortam Segunda Circular em Lisboa



Corrida a subsídios para casas eficientes dispara 206%



Produção industrial cai 4% em agosto



WEEKEND

A ciência a falar connosco

A imagem do cientista como um sábio inatingível está a mudar. Dos podcasts ao Instagram, passando pela prática do “storytelling”, os investigadores estão a apostar em novas formas de comunicar a ciência. Uma abertura que os leva a parcerias com outros setores da sociedade. Tal acontece com os grupos de teatro Marionet ou TeatroExtremo, por exemplo. E hoje mesmo é também assinalada mais uma Noite Europeia dos Investigadores em cidades como Lisboa, Braga e Coimbra, com o objetivo de aproximar a ciência dos cidadãos.

Susana Torrão · 29 de Setembro de 2023 às 14:45



1

No mês de junho, a companhia de teatro Marionet levou à cena a peça "O Algoritmo da Epilepsia", desenvolvida em conjunto com investigadores da Universidade de Coimbra. O objetivo do espetáculo foi sensibilizar para a epilepsia, explicar os ritmos da ciência e desmistificar o papel da inteligência artificial na sociedade. É um exemplo das novas formas de comunicar a ciência que têm ganho fôlego nos últimos anos. Dos podcasts às publicações no TikTok, multiplicam-se as iniciativas de comunicação "fora da caixa" que transmitem conhecimento de forma simples, sem perder credibilidade.

"Há imensas potencialidades em comunicar a ciência através do podcast", garante Sara Cura, arqueóloga que lançou no ano passado o "Let's Rock – O podcast da Idade da Pedra". A investigação da pré-História foi o fio condutor da carreira de Sara, que também deu aulas no Instituto Politécnico de Tomar e trabalhou num museu de arte pré-histórica. "Tive sempre a preocupação de promover atividades de comunicação. Gosto de comunicar aquilo que nós, arqueólogos, estudamos, e sinto que é nossa responsabilidade devolver [esse conhecimento] à sociedade", diz a arqueóloga, que criou o podcast enquanto aluna de mestrado em Comunicação de Ciência. "O trabalho inicial foi feito com uma colega, e depois decidi seguir com o projeto sozinha. Já lá vão 10 episódios e vou continuar".



"Há imensas potencialidades em comunicar a ciência através do podcast", garante Sara Cura, arqueóloga que lançou no ano passado o "Let's Rock - O podcast da Idade da Pedra".

Para a investigadora, este é um canal de comunicação com vantagens para o público e para os investigadores: permite uma maior proximidade e garante a possibilidade de explorar detalhadamente cada tema, sendo acessível a um público vasto. "Todas as pessoas que tenham computador, smartphone ou um tablet, independentemente da localização geográfica, podem ouvir", destaca Sara, consumidora ávida de podcasts, sublinhando a informalidade e o tom conversacional como grandes benefícios deste formato.

Da perspetiva dos investigadores, o facto de ser uma forma de comunicação "low cost" e de permitir uma comunicação num registo diferente são, a par do alcance da mensagem, fortes vantagens. "Os podcasts têm vindo a ser cada vez mais um recurso no ensino superior", salienta Sara Cura. O Let's Rock está até a ser usado numa universidade do Rio Grande do Sul, nas aulas de Evolução Humana.

Combate à desinformação

Outro motivo que levou Sara Cura a investir no podcast e a manter-se ativa nas redes sociais foi a possibilidade de combater a desinformação. "Há um certo silêncio da nossa parte que outras pessoas ocupam com desinformação. Há muita pseudociência de arqueologia, sobretudo nas redes sociais", alerta a investigadora, para quem não se trata de entrar em diálogo com quem promove informação falsa, mas de comunicar a ciência que se faz.

...trabalho com quem promove a divulgação científica, mas de combater a ciência que se faz

"A questão das redes sociais é um 'work in progress'. Há pessoas que já o fazem muito bem", diz Sara, que aponta "Uma Onda de Ciência" ou "Infinito Particular" como bons exemplos, e lembra o trabalho do CERN nesta área. "Nem todos os cientistas têm de se expor, mas é importante que as pessoas os vejam, até para dessacralizar a imagem do cientista na sua torre".

Tal não significa uma perda de conteúdo. "Há sempre a ideia de que quando vou comunicar a minha ciência e torná-la acessível, a irei simplificar tanto que esta passa a não ser fiável – é mentira! Uma mensagem simples pode conter em si todo o rigor científico", garante a arqueóloga.

Uma opinião partilhada por Catarina Loureiro, geóloga que em 2019 fundou o projeto "Estórias de Ciência", que tem formato em site, blogue e presença no Instagram e TikTok. "Manter o rigor técnico e adaptar a linguagem aos diferentes canais e públicos é o mais desafiante, mas também o mais divertido", considera a cientista, para quem é possível fornecer informação correta sem entrar num processo de "dumb down" (estupidificação).



A geóloga Catarina Loureiro fundou em 2019 o projeto "Estórias de Ciência", que tem formato em site, blogue e presença no Instagram e no TikTok.

Catarina, que é especialista em património geológico, uma área da ciência dedicada à preservação de fósseis ou zonas geológicas emblemáticas como o vale glacial da Serra da Estrela ou o Pico, nos Açores, assume que esta é uma boa maneira de desmistificar o carácter inacessível da ciência. "A ciência era elitista. Havia a ideia de que só pessoas extraordinariamente inteligentes podiam dedicar-se à investigação. Mas os cientistas são pessoas como as outras e, com trabalho, qualquer um pode seguir essa carreira", defende. Comunicar ciência de uma forma mais simples pode ser uma maneira de interessar os mais novos por uma carreira na investigação, aponta.

Ao mostrar que a ciência está presente no quotidiano, Catarina Loureiro pretende avivar o interesse pela natureza e pelas ciências naturais. "Em 2022, o TikTok ultrapassou o Google enquanto motor de busca para a geração Z. Temos de estar onde estão as pessoas", defende a geóloga, que despertou para a comunicação de ciência durante o mestrado, ao desenvolver

trabalho de valorização do património. "É impossível fazer valorização do património sem comunicação", observa a investigadora, que aplica técnicas de "storytelling" aos diferentes canais utilizados pelo "Estórias com Ciência".

"Hoje, 78% da população portuguesa está nas redes sociais, não o podemos ignorar", lembra, por sua vez, Sara Cura, para quem não comunicar ciência nas redes equivale a "uma grande oportunidade desperdiçada". Ainda assim, é preciso ter noção do potencial de cada plataforma. Se o Instagram é ideal para imagens e pequenos vídeos – e para mostrar os últimos trabalhos de campo – e o LinkedIn e o Facebook estão mais adaptados a quem gosta de escrever, e o Twitter assume-se como canal escolhido para a comunicação entre pares. "É onde tenho acesso aos últimos artigos. É a rede de cientistas para cientistas", diz Sara Cura. O TikTok também está em crescimento entre os investigadores, mas é uma plataforma onde há ainda muita desinformação, aponta. Ainda assim, por todo o mundo, existem cada vez mais cientistas a usá-la.

Em todos os palcos

Ciência e arte têm em comum a criatividade, a pesquisa e a experimentação, aponta Fernando Jorge Lopes, diretor artístico do Teatro Extremo. Foi com base neste princípio que a companhia almadense, cujas peças são vocacionadas para o público infantil e juvenil, criou o ciclo "EmCena a Ciência", que conta já com seis espetáculos encenados. "Temos uma parceria com a biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade Nova de Lisboa, dirigida pelo professor José Moura, com quem debatemos os projetos".

Nos últimos anos, a companhia cobriu temas e autores diversos, da teoria da evolução à exploração espacial, passando pelo impacto da era digital. "O processo é sempre diferente, uma vez que as temáticas e os encenadores são também diferentes. Estamos agora com o espetáculo 'Transgressões' de Roald Hoffmann, dirigido pelo encenador brasileiro Sylvio Zilber, em digressão pelo nordeste brasileiro, e esta peça é inevitavelmente diferenciada dos 'Conspiradores do Futuro', que tem a direção de Carlos Fragateiro, ou de 'Depois de Darwin', encenada por Ana Nave, ou de 'Armstrong', com texto e encenação de Castro Guedes..." , explica o diretor artístico do Extremo. Para o ano, o ciclo continuará com o espetáculo "Combustível".



VER COMENTÁRIOS

SABER MAIS

• Ciência • podcasts • Instagram • storytelling • investigadores • Lisboa • Braga • Coimbra • TikTok • Let's Rock
• desinformação • Serra da Estrela • Açores

+ NEGÓCIOS PREMIUM



Relatório do Investidor:
Excesso de transações gera menor retorno

11:00h Mariana Ferreira Azevedo



Economistas do BCE
sugerem novo indicador para medir inflação crítica

10:40h Joana Almeida



Avaliação de Angola é uma questão de perspetiva

10:30h Celso Filipe

negocios PREMIUM



VER + PRIMEIRAS PÁGINAS